

Problemas da Física Portuguesa e o papel da SPF

Orfeu Bertolami *



É naturalmente muito importante a celebração dos 25 anos da Sociedade Portuguesa de Física (SPF). Porém, é fundamental não se perder de vista que a maioridade conquistada por esta instituição implica necessariamente uma mudança qualitativa na natureza da sua intervenção e de seus objectivos.

Penso que os próximos 25 anos da SPF poderão vir a ser os mais importantes da sua história se esta instituição assumir um papel de liderança da discussão profissional dos problemas que afligem a Física em Portugal e das suas soluções.

Para esta discussão, permito-me enumerar algumas questões para reflexão que considero relevantes:

1) É gritante que estando a Física portuguesa – que tem qualidade internacional – a ser essencialmente levada a cabo nas universidades, não exista no seio destas qualquer estímulo concreto para o seu desenvolvimento. As condições de trabalho existentes são, via de regra, más, a carga horária das actividades pedagógicas é excessiva e indiferenciada, assim como o são os salários e as condições materiais disponíveis. Ainda mais grave é o facto de não existir, na prática, uma carreira universitária na qual o sucesso científico e pedagógico impliquem promoção e aumento de direitos e responsabilidades. O sistema funciona à base do casuísmo da abertura de vagas e da arbitrariedade de critérios de avaliação dos concursos, sem ter em conta o impacto negativo que tais práticas têm na qualidade da produção e na *performance* do sistema.

2) Ainda nesta linha, parece-me fundamental que a SPF promova uma discussão aprofundada e alargada visando chegar a um conjunto de recomendações e a uma estratégia de actuação com relação à questão de reformulação do Estatuto da Carreira Docente Universitária. Parece haver um consenso no diagnóstico de que o presente estatuto é anacrónico e incompatível com a agilidade e vitalidade que o sistema universitário exige para fazer frente aos desafios da modernidade. Contudo, não me parece que haja muitos pontos comuns

nas propostas que o substituem. Na minha opinião, a introdução de mecanismos de diferenciação e progressão por mérito absoluto parecem essenciais para que o sistema não funcione somente com base no voluntarismo daqueles que estão na base da pirâmide hierárquica. Parece-me também importante a criação de mecanismos práticos para que as carreiras universitárias e de investigação sejam reciprocamente permeáveis. Também imperiosa é a necessidade de criar mecanismos para a mudança constante dos quadros e para que elementos destes possam mais facilmente transitar entre universidades diferentes.

3) A discussão e um conjunto de soluções para os problemas acima mencionados parecem essenciais para se resolver aquele que considero ser o maior desafio à Física portuguesa, nomeadamente garantir que o esforço de formação de quadros que tem sido desenvolvido até aqui tenha continuidade e seja assegurado que aqueles que têm mérito e querem entrar no sistema académico possam fazê-lo a uma taxa que não seja desestimulante para os jovens. Neste processo devem-se dar sinais claros de que a admissão ao sistema é feita com base exclusiva na qualidade. O paradoxo que vivemos no momento é que assistimos à emergência de uma nova geração com altíssimas qualificações científicas, mas que encontra grandes obstáculos para a sua incorporação no sistema, numa forma que lhe permita trabalhar em condições que sejam minimamente competitivas.

4) A necessidade de uma eficiente articulação da SPF com o Ministério da Ciência e Tecnologia e com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia parece fundamental no lançamento de programas e na discussão de prioridades científicas nacionais. Deve ser tarefa da SPF promover a discussão para que estas prioridades se cristalizem e reflectam os legítimos anseios da comunidade científica portuguesa como um todo. Naturalmente, a discussão de prioridades cria imediatamente propostas antagónicas e mutuamente exclusivas. Contudo, é crucial que da diferença de opiniões surjam

propostas de compromisso, devendo caber à SPF a função de mediadora e promotora de consensos.

Gostaria de finalizar mencionando alguns pontos possíveis de discussão:

- a) Necessidade de uma instalação nacional de supercomputação disponível a toda a comunidade científica sem grandes restrições e obstáculos burocráticos.
- b) Necessidade de uma instalação nacional sincrotrónica de modo a integrar áreas da Física Nuclear, Física dos Materiais, etc.
- c) Necessidade de um telescópio de pequeno porte para a emergente e futuramente numerosa comunidade de astrónomos e astrofísicos.

*Departamento de Física do Instituto Superior Técnico
orfeu@cosmos.ist.utl.pt

Publicidade na

Gazeta de
Física

**Anuncie a sua instituição
ou empresa na nossa
revista**

Contacto:

Maria José Couceiro
Avenida da República, 37-4º 1050-187 Lisboa
Tel. 21 799 36 65; Fax 21 795 23 49

Errata:

No fascículo 3 de 1999 da "Gazeta", na p. 24, onde está "e um antiquark s, com estranheza 1" deve ler-se "e um antiquark s, com estranheza -1".

Na notícia de abertura da p. 30 do fascículo 2 de 1999, onde se lê "pulsos" deve ler-se "impulsos" (agradecemos ao Dr. Manuel Barros esta correcção).

Uma pequena reflexão sobre uma grande preocupação

"Destruir a auto-estima dos nossos jovens é um crime", disse o Director-Geral do Ensino Secundário na recente conferência comemorativa dos 25 anos da Sociedade Portuguesa de Física.

Destruir a auto-estima dos jovens é, parafraseando Joseph Fouché, pior que um crime: é um erro.

No entanto, estou convicta, é igualmente um erro criar expectativas nos jovens acima das suas capacidades, já que esta ilusão conduz, com grande probabilidade, à frustração e, portanto, à infelicidade.

Um dos grandes objectivos do sistema educativo/formativo é ajudar o jovem a encontrar a sua vocação e o seu lugar na sociedade. Ou, em termos um pouco mais poéticos, o grande objectivo do sistema educativo/formativo é formar cidadãos felizes, solidários, responsáveis e competentes. Mas competentes segundo as suas capacidades ou, se preferirmos, de acordo com as suas competências.

Para cumprir este objectivo é necessário que o sistema educativo/formativo ajude o jovem a confrontar dificuldades, a reconhecer as suas limitações (todas as temos) para que aprenda a viver com elas e, de uma forma ou outra, as consiga ultrapassar.

E é aqui que surge a minha grande preocupação. Verifico que nos ensinos básico e secundário, com a perspectiva assustadora de extensão ao ensino superior, existe, senão uma política, pelo menos uma tendência para uma enorme e excessiva facilitação, como forma, no meu entender errada, de combate ao insucesso escolar. Como consequência, não se promove o esforço individual do jovem, essencial a qualquer processo de aprendizagem, impede-se o seu treino para gerir dificuldades e prejudica-se a identificação das suas competências.

Neste sentido, diria que o actual sistema educativo/formativo, contaminado por esta vaga de facilitação, dificilmente ajuda o jovem a encontrar o seu lugar por forma a que possa ser simultaneamente feliz e útil à sociedade.

Ana Arriaga

Departamento de Física da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
arriaga@alf3.cii.fc.ul.pt

[Texto da participação no debate sobre "Ensino da Física nos Ensinos Básico e Secundário", na Conferência comemorativa dos 25 anos da Sociedade Portuguesa de Física, 27/11/1999]